



## Fidelidade com rostos

*Irmã Maria das Dores Brito Rodrigues, salesiana*

*“É fiel Aquele que vos chama.” (1Tes 5, 24)*

### INTRODUÇÃO

De acordo com o sugerido, proponho-me escrever uma reflexão sobre a fidelidade na Vida Consagrada, no contexto do tema geral desta suposta ‘Semana de Estudos’. Não pretendo fazer uma abordagem teológica nem trazer nenhuma novidade. Partilho uma simples visão, resultante da minha reflexão e experiência, tendo presente diversos textos sobre a Vida Consagrada, com um enfoque na Instrução *O dom da fidelidade. A alegria da Perseverança*.

*Fidelidade com rostos* é o tema proposto. Como consagrados somos chamados a viver a fidelidade e a manifestá-la com o rosto do Evangelho e do Carisma, inerente à própria identidade. Esse *rosto* engloba inúmeras facetas: espiritualidade, perseverança, humildade, alegria, dinamismo, criatividade, profecia, entre muitas outras.

Dar *rosto* à fidelidade é a primeira missão de cada consagrado. Porém, conhecemo-nos e conhecemos a fragilidade dos *vasos de barro* onde guardamos o tesouro da vocação (cf. *2 Cor 4, 7*). Neste sentido, far-nos-á bem tomar consciência de certas atitudes e práticas que não são expressão de fidelidade. Esta passa por um caminho de conversão que implica retirar as nossas ‘máscaras’, pessoais e comunitárias, para que brilhem os *rostos* da fidelidade consagrada.

## 1. POSSÍVEIS ‘MÁSCARAS’ DE FIDELIDADE

Em jeito de prefácio, e sem querer realçar demasiado o negativo, parece-me oportuno refletir brevemente sobre alguns riscos colocados à Vida Consagrada. O Papa Francisco referiu que, ao lado de muita santidade, não faltam situações de contratemunho como, por exemplo, a falta de compromisso, a vida dupla, a rotina, o cansaço, o peso da gestão das estruturas, as divisões internas, a busca de poder, o autoritarismo e o ‘deixar correr’.<sup>1</sup>

A estas e a outras realidades da Vida Consagrada podemos chamar ‘máscaras’ que ensombram os *rostos da fidelidade*. Sem as sobrelevar nem as desvalorizar, constituem uma ameaça à fidelidade e um apelo a retomar continuamente o caminho da conversão.

### 1.1. Não dar a Deus o que é de Deus

A fidelidade não acontece numa Vida Consagrada desligada de Deus; é incompatível com uma existência superficial, dispersa, que não cultiva a fé e a comunhão com Aquele que seguimos.

Embora se tenha consciência da prioridade de Deus, na prática é fácil esquecermo-nos deste princípio, quando outras coisas urgem e tomam a dianteira. Justifica-se a indisponibilidade para a oração, para a meditação da Palavra, para a leitura formativa, para a reflexão e o discernimento, para a vida comunitária e o encontro gratuito. Encontramos sempre razões para secundar o que é essencial. Argumentamos que a missão é cada vez mais exigente e absorvente, cheia de imprevistos – e em tempo de *pandemia*, ainda mais! Perguntemo-nos: quanto tempo gastamos diariamente na internet e quanto tempo investimos para alimentar a fé e a comunhão com Deus? Como ocupamos o tempo de confinamento? *Não dar a Deus o que é de Deus* não é fidelidade.

### 1.2. Fazer desligado do ser

A fidelidade consagrada não acontece verdadeiramente em quem se perde no *fazer* esquecendo-se do *ser*. Não condiz com uma existência *vivida a meias*, numa divisão entre *profissão* e *identidade*. Aposta-se quase tudo para se ser bom profissional – bom professor, boa técnica social, boa enfermeira, bom gestor. O *fazer* determina cada dia e a vida toda, em detrimento do *ser*. O que não significa que não seja necessário ser profissionalmente competente naquilo que se faz. O importante é que isso não seja o essencial.

Quando fundamentamos a Vida Consagrada numa profissão, ou numa função, ao chegar o tempo da aposentação profissional ou a necessidade de deixar de fazer o que sempre se fez, o que resta? Onde encontramos sentido? A quem nos agarramos? Experimenta-se vazio, sofrimento, desorientação! Viver assim não é fidelidade.

---

<sup>1</sup> Cf. Papa Francisco, *Discurso à Assembleia Plenária da Congregação para os Institutos de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica*, 28 de janeiro de 2017 in <http://www.vatican.va>

### **1.3. Individualismo**

A fidelidade consagrada não se coaduna com uma vida autorreferencial, fechada, senhora de si e das suas coisas, sem se relacionar com os outros, sem se reportar à comunidade que envia e ao Instituto a que se pertence. Frequentemente, esta atitude é justificada pela funcionalidade: ‘trabalha-se melhor sozinho’; ‘reza-se melhor quando apetece, do que no horário da comunidade’; ‘o importante é a eficácia’; ‘em consciência devo atuar assim’, etc. Individualismo, egoísmo, procura de sucesso, desligar-se do corpo da comunidade, da Província e do Instituto não são condições de fidelidade.

### **1.4. Rigidez**

A fidelidade não é estática. É vida, é dom do Espírito e, por isso, é dinâmica; pede atualização constante. Contrariamente, viver presos a um passado seguro, defendendo a teoria do ‘sempre se fez assim’, de modo inflexível, moralista e fundamentalista, e tantas vezes em nome do Carisma e da ‘pureza das origens’, não é fidelidade.

### **1.5. Duplicidade**

A fidelidade exige a nudez da verdade. Não aprova viver da imagem e fingimento, de acordo com o que os outros esperam ou valorizam, para que vejam que se serve para esta ou aquela responsabilidade, numa inquieta defesa do parecer, ou numa dissimulada busca de poder. A fidelidade ao seguimento de Jesus, que é Verdade, não admite duplicidade. A falta de verdade connosco, com Deus e com os outros não conduz à fidelidade.

### **1.6. Infelicidade**

A fidelidade consagrada traduz-se numa vida feliz. Será dramático arrastar a permanência num Instituto, mesmo que, diante de Deus e das próprias motivações – ou falta delas – se conclua estar vocacionalmente desintegrado ou não identificado. Pode acontecer, por algum motivo, pessoal ou institucional, fazer-se de conta que está tudo bem, arrastando uma vida desajustada, pesada e infeliz.

Não temos o direito de ajuizar ninguém, mas conhecemos pessoas que, por ‘quase nada’, abandonaram a Vida Consagrada, culpando tudo e todos, sem se colocarem em questão num discernimento sério.

Mas, também sabemos que há religiosos ‘fora da Vida Consagrada’, permanecendo nos Institutos e nas comunidades. Isto não é fidelidade, ainda que pareça perseverança.

Além deste breve enunciado, poderíamos continuar com muitos outros quadros de fragilidade que obscurecem a fidelidade e enfraquecem a identidade da Vida Consagrada. O importante não é fixarmo-nos nas debilidades, mas sim abraçarmos o desafio da fidelidade.

## 2. ROSTOS DA FIDELIDADE NA VIDA CONSAGRADA

A fidelidade consagrada brota da fidelidade de Deus; é dom inerente à aliança que Ele estabelece com os que escolhe, chama e consagra. É da responsabilidade de cada um cuidá-la, como se cuidam as coisas mais preciosas, a fim de que ninguém nos roube este tesouro, nem ele perca a sua beleza com o passar do tempo.<sup>2</sup>

A fidelidade tem o rosto de cada consagrado que, no concreto do dia-a-dia, procura vivê-la, testemunhando-a nas suas diversas dimensões. A propósito, vou referir *sete* características que dão *rosto* à fidelidade, entre muitas outras que a mesma engloba.

Biblicamente, o número *sete* simboliza plenitude. Também a fidelidade fala da plenitude do dom de Deus e da totalidade de quem acolhe a proposta de aliança e se compromete a vivê-la, na configuração com Cristo. A fidelidade constitui uma unidade, um *âmen* que envolve a pessoa toda, e toda a vida.

Estas sete dimensões não são compartimentos estanques; umas reclamam as outras na construção da identidade consagrada, conferindo *rostos* à fidelidade.

### 2.1. Espiritualidade

A primeira condição e característica da fidelidade na Vida Consagrada é uma autêntica espiritualidade. Esta é imprescindível, pois sabemos que a causa primeira dos abandonos é a crise de vida espiritual.<sup>3</sup> Somos chamados a percorrer o caminho do seguimento de Cristo, acontecimento fundante da vocação e suporte de uma vida fiel.

A fidelidade é dom de Deus e não conquista pessoal. Não se pode garantir só com as próprias forças, por mais empenho que aí se coloque. Ela vem de Deus e está fundada no sim de Cristo, o Servo fiel e verdadeiro (cf. *Ap 19,11*).

É sempre Deus quem toma a iniciativa, inicia o diálogo e propõe uma relação de reciprocidade; uma aliança.

Consequentemente, a fidelidade vive da fé, sustenta-se do encontro com Deus e renova-se na sua graça. Não há caminho de fidelidade fora da comunhão com Cristo. Trata-se de uma comunhão vital, que envolve a pessoa na inteireza do que é e faz, abrindo ao querer divino, até que Deus seja Tudo, e tudo a Ele se refira.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> Aquando da apresentação, em Roma, da Instrução – *O dom da fidelidade. A alegria da perseverança*, o Monsenhor José Carballo, Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, referiu como causa primeira dos abandonos na Vida Consagrada, e segundo os processos que chegam à Congregação, a crise de vida espiritual, onde entra a fragilidade da fé, a carência de oração pessoal e comunitária, e a superficialidade da vida sacramental.

<sup>4</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *O dom da fidelidade. A alegria da Perseverança*, Paulus 2020, n.º 26.

Na abertura e na disponibilidade ao Espírito, e no desejo de fixar em Cristo o olhar e o coração, somos chamados a dizer, com a existência consagrada, que Ele *é Caminho, é Verdade e é Vida* (Jo 14, 6). Fora da comunhão com Ele não dizemos nada; não acontece testemunho.

A vocação é uma revelação surpreendente que reclama receptividade e reconhecimento, perante a qual não podemos ficar alheados ou indiferentes, mas abertos e ativos, no compromisso de uma resposta fiel e criativa. Isto não acontece de forma automática. Não é obra só nossa. É obra de Deus. E, por isso, é necessário cultivar a fé e a vida interior, construindo uma existência que se deixe purificar e transfigurar,<sup>5</sup> sabendo que a “a fé não é um exercício de autoafirmação, mas o dom de uma vida; não se trata de valentia, mas da coragem cristã de quem arrisca e se expõe.”<sup>6</sup>

Somos convidados à relação com o Mistério, ao primado da vida no Espírito, à comunhão com Jesus, Centro e Fonte de toda a nossa vida. “*Sem Mim nada podeis a fazer*” (Jo 15,5); é Jesus quem nos adverte. Porém, tantas vezes e em tantas situações, teimamos em contar demasiado conosco, e menos com Ele; não levamos a sério este conselho de Jesus e, por isso, saímos-nos mal.

Só Deus é dador de vida. Quem não permanecer n’Ele não pode dar nada ao mundo. Podemos fazer muitas coisas, e fazê-las muito bem, mas sem Deus tudo o que fizermos pode ser muito pouco, pode não dizer nada, correndo o risco de trabalharmos em vão!<sup>7</sup>

É urgente trazer Cristo à Vida Consagrada, não teoricamente, como uma doutrina, ou como um valor, mas trazê-Lo à nossa vida como um acontecimento determinante, como Presença viva, como um Tu que nos preenche. Só Deus basta para quem segue Jesus! É necessário dar sentido cristão a toda a nossa existência.

Sem uma vida espiritual sustentada pela oração, pela Palavra de Deus, pela graça dos sacramentos, facilmente a vida se esvazia de significado e tudo se torna um peso. A Vida Consagrada, como a Igreja, não pode fazer nada sem *o pulmão da oração*.<sup>8</sup>

A fidelidade não se coaduna com uma existência medíocre, repetitiva, enfadada, pesada. É uma questão de amor, por isso não se contenta com os mínimos. Deixa-se inquietar com um ‘*sempre mais*’ em resposta àquilo que Deus vai sugerindo, por amor.

Deus sustenta-nos, mas não nos dispensa. É da nossa responsabilidade cultivar o dom da vocação e reforçá-lo com uma boa formação integral, que nos permita caminhar firmes e fiéis, mantendo viva a chama da fé, crescendo na paixão por Jesus e pela missão.<sup>9</sup> O seguimento de Cristo coloca-nos numa crescente fidelidade, que se sustenta numa profunda espiritualidade.<sup>10</sup>

---

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 5-6.

<sup>6</sup> ANDREA MONDA, *Bendita Humildade – o estilo simples de J. Ratzinger*, Paulinas 2012, p. 124.

<sup>7</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Partir de Cristo*, Paulus, 2002, n.º 22.

<sup>8</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, *Evangelli Gaudium*, Paulus 2013, n.º 262.

<sup>9</sup> Cf. José Rovira, *Fidelidade* in AA VV, *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, Paulus, S. Paulo, 1994, p. 447-454.

<sup>10</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Contemplai*, Paulus 2016, n.º 7.

## 2.2. Perseverança

A fidelidade e a perseverança dão título ao documento que está na base deste tema. A fidelidade ou é perseverante, ou não é. Fidelidade e perseverança constituem uma dupla inseparável; enquanto a primeira é dom de Deus, a perseverança é a resposta humana a esse dom.

A perseverança aparece nos Evangelhos Sinóticos como condição de salvação. Jesus exorta os seus a perseverarem: “*Quem perseverar até ao fim, será salvo*” (Mt 10, 22; Mc 13,3); “*Pela perseverança salvareis a vossa vida*” (Lc 21,19). Perseverar é próximo de ‘permanecer’ – pedido que Jesus fez em jeito de testamento: “*Permanecei em Mim e que Eu permanecerei em vós*” (Jo 15, 4).

A perseverança, vivida e testemunhada por S. Paulo, é a virtude de quem combate para testemunhar a fidelidade de Cristo (cf. 1 Tm 6, 11-12). Na Carta aos Hebreus, convida a enfrentar “*com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*” (Heb 12, 1-2).

Na cultura atual, sem vínculos e frágil nos compromissos, a perseverança é um desafio dos consagrados, como de todos os cristãos. Importa ser fiel, sempre, e não só nos momentos em que tudo parece mais fácil, ou quando as coisas correm bem. Somos chamados a ser fiéis a Deus e aos compromissos assumidos, até ao fim, conscientes que a vida tem momentos belos e luminosos, e tem momentos obscuros e difíceis. A fidelidade é, obrigatoriamente, um caminho pascal, cheio de dom e beleza, onde a cruz não pode apagar o amor, nem o encanto do seguimento.<sup>11</sup>

A partir dos textos conciliares, o binómio *fidelidade-perseverança* caracteriza o Magistério sobre a Vida Consagrada. Os dois termos não são entendidos como sinónimos, mas como aspetos inseparáveis de uma única atitude espiritual. A perseverança é um atributo típico e uma qualidade constitutiva da fidelidade.<sup>12</sup>

A Vida Consagrada é definida por meio da sua perseverança e humilde fidelidade: “O sagrado Concílio confirma e louva os Irmãos e Irmãs, que, nos mosteiros, escolas, hospitais ou missões, embelezam a Igreja com a sua perseverante e humilde fidelidade na mencionada consagração, e prestam generosamente os mais variados serviços.”<sup>13</sup>

Nos documentos posteriores ao Vaticano II a fidelidade é descrita como um dinamismo de crescimento, no qual a perseverança exige o compromisso necessário e concorde dos consagrados e dos próprios Institutos.

A perseverança está em relação direta com a fidelidade, para além das suas diversas expressões. Antes de ser obediência à Regra ou ao Carisma, diz respeito à fidelidade a Deus. No entanto, a fidelidade consagrada segue o percurso oferecido pelas *Constituições* dos Institutos, caminho de santidade no qual se deve perseverar, com a finalidade da configuração a Cristo, testemunhando-O e partilhando da sua missão redentora.

---

<sup>11</sup> Cf. *O dom da fidelidade, a alegria da Perseverança*, n.º 25-28.

<sup>12</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 29.

<sup>13</sup> *Lumen Gentium*, n.º 46 in *Concílio Ecuménico Vaticano II*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga 1967.

O Espírito Santo é o artífice da fidelidade e da perseverança; eis a razão para sermos insistentes no pedido desta graça; “quanto mais humilde e perseverante for a súplica da fidelidade, jamais essa graça será negada aos que a pedem.”<sup>14</sup>

*Perseverar na fidelidade* é a primeira e grande missão dos consagrados; “cada um dos que foram chamados à profissão dos conselhos, cuide, com empenho, de perseverar na vocação a que o Senhor o chamou, e de nela se aperfeiçoar para maior santidade da Igreja e maior glória da Trindade, a qual em Cristo e por Cristo é a fonte e origem de toda a santidade.”<sup>15</sup> A perseverança, vivida na abertura e docilidade ao Espírito, desenvolve e consolida a fidelidade.

### 2.3. Humildade

A fidelidade acontece na perseverança da fé que, por sua vez, requer humildade. O que implica sabermos ocupar o lugar de discípulos no seguimento de Jesus, segundo a via dos conselhos evangélicos, ao serviço do Reino. Esta escolha não acontece por mérito próprio, nem por sermos melhores do que os outros, nem por termos mais qualidades ou virtudes. Não depende de nós. A iniciativa é sempre divina; Deus escolhe e chama quem quer e como quer, por puro dom de amor. A consciência deste dom, pela humildade da fé, conduz-nos ao ‘lugar certo’ de discípulos e servos.

Neste sentido, a fidelidade reclama a humildade identitária de quem acolhe o dom do chamamento, no empenho de todas as forças, sem deixar de se considerar *servo inútil* (cf. *Lc 17, 7-10*). É a humildade de quem acredita, confia e se entrega a Deus.

Este pacto implica sair da autorreferencialidade, descer da superioridade, para se deixar conduzir pelo Espírito, tendo também em conta as mediações próprias de cada Carisma e de cada Congregação.

A fidelidade pede a ousadia da resposta, num *sim* despojado do ‘eu’ e cheio de Deus! Compromisso que pede pobreza e humildade, atitude típica de quem se coloca na escola do Mestre, à luz do seu ensinamento; “*aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração*” (*Mt 11, 29*).

A fidelidade é dom que Deus concede ao humilde e ao pequeno. O autossuficiente prescinde dele porque se julga, ele próprio, dotado de tal capacidade. Por isso, não basta querer ser fiel; é preciso reconhecer-se verdadeiramente necessitado de Deus e dos outros para o ser.

O rosto da fidelidade manifesta-se na humildade pessoal, mas também na humildade institucional. Neste sentido, os tempos são propícios. A Vida Consagrada é chamada a ser o ‘pequeno resto fiel’, muitas vezes esquecido, ou pouco considerado. Já vai longe o tempo dos privilégios dos religiosos, da grandeza das obras – escolas, hospitais, casas de formação, seminários – assim como já passou o tempo dos títulos e das influências.

---

<sup>14</sup> *Presbitororum ordinis*, n.º 16 in *Concílio Ecuménico Vaticano II*.

<sup>15</sup> *Lumen Gentium*, n.º 47.

É importante sermos competentes, responsáveis e sérios naquilo que fazemos, mas sê-lo gratuita e humildemente, à maneira do Evangelho, mesmo que, tantas vezes, o trabalho não seja reconhecido. Sabemos que *o discípulo não é mais do que o Mestre* (cf. Lc 6, 40).

A Vida Consagrada é convidada a viver a humildade, hoje, precisamente nas pobreza e nas diversas diminuições: de vocações, de obras, de utentes, de capacidades, etc. Realidades que, tantas vezes, vemos muito mais como ameaça, do que como oportunidade. No entanto, é aí que o Senhor nos quer surpreender com a abundância do seu dom; é aí que nos quer tornar fecundos, se colocarmos à sua disposição *“os cinco pães e os dois peixes”* (Jo 6, 9) da nossa condição.

A cultura da aparência e da imagem desafia-nos ao testemunho da humildade e da pequenez. É preciso aprender a saber perder, para saborear a fidelidade humilde e autêntica de quem se reconhece pertença doutro Senhor e ao serviço doutro Reino, que se manifesta no sinal *pequeno* da semente. Somos interpelados a dar guarida a um estilo de presenças e obras pequenas e humildes, como o evangélico grão de mostarda (cf. Mt 13, 31-32) onde brilhe a memória da presença de Deus entre os homens.<sup>16</sup>

A *Kenose* de Cristo leva-nos a descobrir a beleza da fragilidade e a grandeza da pequenez. É no limite e na fraqueza que melhor se pode viver a configuração a Cristo, numa tensão totalizadora que antecipa, no tempo, a perfeição escatológica.

A Vida Consagrada é chamada a regressar à sabedoria dos pobres e humildes e a *“deixar-se levar pelo Espírito, renunciando a calcular e a controlar tudo, e a permitir que Ele nos ilumine, nos guie, nos oriente e nos leve para onde deseja”*<sup>17</sup>, a fim de cumprirmos a missão de *sinal evangélico de contradição* na nossa cultura, tão determinada pela eficiência e pelo sucesso.

## 2.4. Paciência

No caminho da fidelidade, a humildade dá a mão à paciência, para seguirem juntas no percurso. Este caminho acontece no concreto da existência, na história de todos os dias, nos pequenos e continuados passos de avanços e desvios, de entusiasmos, paragens e recomeços, e dura a vida toda.

A fidelidade é uma questão de amor e, por isso, é paciente (cf. 1 Cor 13,4); resulta da atitude de conversão de quem não se cansa de retomar o caminho.

A fidelidade de Deus é perseverante e paciente! Espera sempre o regresso dos que Dele se distanciam. Constatámo-lo ao longo dos séculos da História da salvação.

A paciência revela-se nas dificuldades e nos obstáculos; Jesus enfrenta-os desde o seu nascimento até à Cruz! Passamos pelos Evangelhos e vemo-Lo paciente com os Doze e com todos, a oferecer

---

<sup>16</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Perscrutaj*, Paulus 2014, n.º 16.

<sup>17</sup> *Ibidem*.



vida e salvação; espera e acolhe cada um na sua liberdade. Nada o afasta do seu *ámen!* Nem a Cruz, nem a morte! Entrega-Se pacientemente, por amor, para que se cumpra a sua missão de Filho Redentor.

Recordemos, por exemplo, o percurso de Pedro que, ora confessa Jesus com todo o entusiasmo “*a quem iremos? Só Tu tens Palavras de Vida eterna!*” (Jo 6, 68), ora O nega e abandona na noite escura da traição (cf. Jo 18, 17ss). A amizade de Jesus é inalterável! Espera e ama! Di-lo com o olhar! Interpela-o no tempo oportuno, na hora da luz: “*Pedro, amas-Me? Senhor, Tu sabes tudo, sabes que sou teu amigo*” (Jo 21, 15-17). Esta é a nossa escola da fidelidade paciente onde Jesus é o Mestre e Senhor, e Pedro a resposta frágil, a fidelidade descontinuada.

No nosso mundo acelerado, volúvel e agressivo, o testemunho de santidade passa pela paciência e pela constância na fidelidade, assentes na solidez interior. Quem se apoia em Deus é paciente no compromisso, mesmo quando isso não lhe proporciona qualquer satisfação imediata.<sup>18</sup> Acredita que os tempos de Deus não são os nossos e que os critérios divinos escapam ao raciocínio humano. Vive a confiança da fé, mesmo quando Deus se faz silêncio e o caminho é escuro. A fidelidade de cada consagrado e das comunidades religiosas implica muita paciência com a própria realidade e com os outros, porque Deus a tem primeiro e misericordiosamente com cada um.

## 2.5. Alegria

A alegria é um elemento qualificativo da fidelidade. A resposta ao convite de amor que Deus dirige àqueles que escolhe para O seguir e servir só pode ter a expressão de um compromisso jubiloso. ‘*Alegra-te*’ é a saudação do Anjo a Nossa Senhora (cf. Lc 1,28). No seu cântico, Maria proclama “*o meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador*” (Lc 1,47). O próprio Jesus estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo (cf. Lc 10,21). A sua mensagem é fonte de alegria: “*manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria e a vossa alegria seja completa*” (Jo 15,11). A alegria é sinal do Evangelho e expressa a vitória da Páscoa. Por isso, ela identifica os seguidores de Jesus e os servidores do Reino; identifica a Vida Consagrada. Não se trata de uma alegria qualquer, espalhafatosa ou ridícula; trata-se da alegria do Evangelho, a alegria do amor que brota da experiência feliz da comunhão com o Senhor. A alegria cristã brota do coração transbordante de Cristo,<sup>19</sup> e a Vida Consagrada deve ser especialista nisto!

Na Exortação Apostólica *Evangelium Gaudium* e no seu Magistério posterior, o Papa Francisco revela a urgência da alegria e convida toda a Igreja a uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria, enquanto convite dirigido a todos: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Com Ele renasce sem cessar a verdadeira alegria.”<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Cf. *O dom da Fidelidade, a alegria da perseverança*, n.º 61.

<sup>19</sup> Cf. *Evangelium Gaudium*, n.º 5.

<sup>20</sup> *Ibidem*, n.º 1.

Na mesma linha, o Papa convida insistentemente os religiosos à beleza da consagração e à alegria de levar aos outros a consolação de Deus, porque uma Vida Consagrada sem alegria contradiz-se e enfraquece a fidelidade de todos.

A alegria é o motor da fidelidade e da perseverança que nasce da gratuidade do encontro com Jesus. É um dos frutos do Espírito Santo e envolve toda a existência. Trata-se de uma alegria fiel, que não desvanece quando o seguimento atravessa calvários, porque vem do alto, abre a Deus e aos outros, reforça a entrega, contagia e encoraja.<sup>21</sup>

O mundo precisa que a Vida Consagrada testemunhe a alegria de um coração preenchido por Deus, sem necessidade de procurar a felicidade noutra lugar<sup>22</sup>; precisa da alegria de dizer com a vida a beleza do seguimento, espelhando a Páscoa de Cristo.<sup>23</sup>

Todos experimentamos que “uma fraternidade sem alegria é uma fraternidade que se apaga”<sup>24</sup>; o mesmo se pode dizer em relação à fidelidade; uma fidelidade sem alegria é algo que não tem consistência, não testemunha, não atrai; não é verdadeira fidelidade.

## 2.6. Dinamismo e criatividade

Já vimos que fidelidade não é uma realidade estática ou fechada. É vida e, como tal, é um processo aberto, dinâmico, criativo. Porque dom do Espírito, manifesta-se na resposta genuína, sempre em atualização. É incompatível com a rigidez ou a estagnação.

Como a fidelidade de Deus se manifesta na criatividade da História da salvação ao longo dos séculos, também a fidelidade cristã e consagrada é dinâmica e criativa. Pede sempre nova adesão do coração, pede novas respostas e novas expressões, de acordo com as diferentes fases da vida e as diferentes situações. Tem a ver com o modo específico de ser, de servir e de amar.<sup>25</sup> Enquanto expressão de amor a Cristo é uma realidade em construção, nunca concluída.

À fidelidade aplica-se a interpelação de Jesus ao jovem rico: “*falta-te ainda uma coisa*” (Lc 18, 22). Falta-nos sempre um ‘mais’ no seguimento de Jesus!

O Espírito, derramado nos nossos corações, move-nos a uma resposta fiel e perseverante, mas sempre nova. Por isso, a fidelidade tem o rosto da criatividade e, como tal, pede discernimento sobre o que se deve mudar e o que deve permanecer.<sup>26</sup>

Cada consagrado, ainda que pertencente a um corpo que é o Instituto ou Congregação, é chamado a viver a fidelidade em primeira pessoa; ninguém o faz por ninguém. Porém, na criatividade não se pode andar à deriva, ou cada um por onde lhe apetece. Genuínos sim, mas na

---

<sup>21</sup> Cf. *O dom da fidelidade, a alegria da perseverança*, n.º 42.44.

<sup>22</sup> Cf. Papa Francisco, *Carta aos consagrados no ano da Vida Consagrada*, Paulus 2015, n.º 5.

<sup>23</sup> Cf. Papa João Paulo II, Exortação pós-sinodal *Vita Consecrata*, Paulinas, n.º 109.

<sup>24</sup> CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Vida fraterna em comunidade*, Editora AO 1994, n.º 28.

<sup>25</sup> Cf. *Vita Consecrata*, n.º 70.

<sup>26</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 21.

direção certa, em comunhão, na fidelidade ao Carisma, sob a orientação da bússola das *Constituições*. Estas encerram um itinerário de seguimento, qualificado por um Carisma específico, autenticado pela Igreja. As *Constituições* são um critério seguro para procurar as formas adequadas para responder às exigências atuais.<sup>27</sup>

Também as comunidades e as Congregações são chamadas à fidelidade a Deus e ao Carisma, animando a fidelidade de cada membro, com atenção ao peculiar de cada um. Ninguém é chamado a ser fotocópia de ninguém, nem dos Fundadores; todos somos chamados a ser fiéis, na docilidade ao específico do Espírito.

A Exortação apostólica *Vita Consecrata* é clara neste sentido: “Os Institutos são convidados a repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos Fundadores como resposta aos sinais dos tempos.”<sup>28</sup> E, por isso, também têm a responsabilidade de cultivar uma fidelidade dinâmica, em resposta à própria missão, adaptando-se, quando for necessário, às novas situações e às várias necessidades, com plena docilidade à inspiração divina e ao discernimento eclesial.

O Espírito faz novas todas as coisas, também os Carismas e os consagrados que os incarnam hoje. É precisamente na fidelidade à inspiração dos Fundadores que se descobrem mais facilmente e se revivem com maior fervor os elementos essenciais da Vida Consagrada.<sup>29</sup>

A fidelidade pede dinamismo e criatividade, não só a nível pessoal, mas também a nível dos Institutos. Assim o afirmou o Vaticano II ao pedir a renovação da Vida Consagrada: “realizem fielmente os Institutos as obras que lhes são próprias e acomodem-nas às necessidades dos lugares, provendo-as de meios oportunos e até novos e abandonando as obras que hoje estão menos conformes com o genuíno espírito e natureza do Instituto”<sup>30</sup>, guardando fielmente o espírito e as intenções dos Fundadores, bem como as suas tradições que constituem o património de cada Instituto.<sup>31</sup>

No dinamismo e na criatividade da fidelidade, os consagrados nunca podem secundar a prioridade do seguimento; “fiéis à profissão, deixando tudo por amor de Cristo (cf. *Mc* 10,28), seguem-No (*Mt* 19,21) como única coisa necessária (cf. *Lc* 10, 42), ouvindo a sua palavra (*Lc* 10,39), solícitos das coisas que são d’Ele (cf. *1 Cor* 7,32).”<sup>32</sup>

A fidelidade é dinâmica enquanto implica uma resposta sempre nova a Deus, que se manifesta no tempo, na novidade e na surpresa da vida, com a sua beleza e encanto, e com os seus cansaços e dificuldades. Em cada situação somos chamados a prosseguir o caminho, com passos de fidelidade, no combate e na perseverança de quem sabe a Quem se entregou, confiantes que “*Deus providenciará*” (*Gn* 22, 14).

---

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 37.

<sup>28</sup> *Ibidem*.

<sup>29</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 36.

<sup>30</sup> *Perfectae Caritatis*, n.º 20, in *Concílio Ecuménico Vaticano II*.

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, n.º 2.

<sup>32</sup> *Ibidem*, n.º 5.

## 2.7. Profecia

A cultura do nosso tempo, tão distante do sentido de Deus, precisa de um vigoroso testemunho profético da Vida Consagrada. Esta participa da função profética de Cristo, iniciada no batismo e confirmada na profissão religiosa; logo, a profecia faz parte da identidade consagrada.

A categoria de *signal escatológico* que o Concílio Vaticano II atribuiu aos consagrados exprime-se no testemunho profético da primazia de Deus e do Evangelho, inerente ao seguimento de Cristo casto, pobre e obediente. Desta forma, a Vida Consagrada é profecia dos tempos futuros, um ensaio de eternidade vivido no presente. A força desta profecia depende da vida do profeta.<sup>33</sup> Ela nasce da comunhão com Deus, na busca constante e apaixonada da sua vontade, com sentido de Igreja e na abertura a novos caminhos para atuar o Evangelho no concreto da história.<sup>34</sup>

A profecia da Vida Consagrada passa pela aceitação humilde de ser ‘pequeno resto fiel’, por graça de Deus, perante as intempéries e ameaças do contexto. Deixa-se iluminar pela sabedoria da Cruz e pela alegria da Páscoa. Vive da sombra e do escondimento de quem se entrega na gratuidade, sem reconhecimentos, aplausos ou retribuições. Vive da incerteza e do escuro de quem se vê ameaçado por poderes e forças que não vêm do Evangelho. Vive da fé e da Palavra que confirma a verdade e sustenta a fidelidade.

Os desafios proféticos colocados aos religiosos são arriscadamente difíceis e belos: viver no mundo sem ser do mundo, amar o tempo presente como peregrinos da eternidade, usar a liberdade para obedecer e servir, usufruir dos bens deste mundo libertos da sofreguidão da posse, amar com todas as forças em virgindade fecunda e feliz.<sup>35</sup>

Trata-se de uma profecia com o rosto do Evangelho, na configuração a Cristo, para ser expressão do seu amor e da sua presença que salva, junto daqueles a quem somos enviados, onde os pobres e os pequenos devem ter um lugar de predileção.

O profeta vive em nome de Deus; assim é chamado a viver o consagrado. A força e a significatividade da profecia depende da *força da vocação*.<sup>36</sup> Neste sentido, os consagrados, fiéis à missão profética, podem enriquecer os outros fiéis, tornando-se escola de fidelidade *para os próximos e para os distantes* (cf. *Ef 2, 17*), através do vigor da centralidade de Deus, do fascínio da espiritualidade e da força da missão.<sup>37</sup>

A identidade dos consagrados implica a ousadia do profeta, disponível a levar até ao fim a sua missão de dizer, com a vida, o absoluto de Deus.

---

<sup>33</sup> Cf. Manuel Morujão, *Consagrados para servir e amar*, Editorial AO 2020, p. 112.

<sup>34</sup> Cf. *Vita Consecrata*, n.º 84-85.

<sup>35</sup> Cf. Manuel Morujão, *o.c.*

<sup>36</sup> Cf. Papa Francisco, *a Força da Vocação, a vida consagrada hoje*, Paulinas 2018, p. 52.

<sup>37</sup> Cf. José Rovira, *o.c.*

Não podemos esquecer nem deixar de agradecer o testemunho de tantos consagrados que, nos nossos dias, como noutras épocas da história, “testemunharam Cristo Senhor, com o dom da própria vida, chegando muitas vezes até ao derramamento do próprio sangue, plenamente configurados com o Senhor crucificado”<sup>38</sup> em cumprimento fiel do mandato pascal: “*como eu fiz, fazei vós também*” (Jo 13,15).

## CONCLUSÃO

Só Deus é fiel; a fidelidade de cada consagrado é dom de Deus, com as suas variadas expressões. É graça a pedir e a acolher, a procurar e a desenvolver, em verdade, humildade e confiança, com os olhos fixos em Jesus e o coração aberto às suas surpresas.

No caminho da fidelidade cada consagrado precisa de uma sólida espiritualidade assente na fé e na oração, para perseverar com humildade e paciência, na alegria de ser do Senhor, abrindo-se ao dinamismo do Espírito, para ser profecia de Deus no mundo.

A concluir, fazemos memória das palavras do Papa Francisco numa entrevista: “*A Vida Consagrada insere-se na gratuidade sponsalícia. A questão não está tanto no fazer, mas no ser fiel; ser fiel ao Esposo. A fidelidade é um dos grandes princípios da Vida Consagrada; é como que o seu fundamento-chave. Todos devemos ser fiéis, mas a Vida Consagrada deve demonstrar essa fidelidade de maneira especial, pois nela está patente um carácter claramente sponsal.*”<sup>39</sup>

Deixemo-nos interpelar pelo dom e pelo compromisso da fidelidade, conferindo-lhe os rostos inerentes à nossa identidade consagrada, na certeza de que “*Aquele que nos chamou é fiel*” (cf. 1Tes 5, 24) e “*completará em nós a obra começada*” (cf. Fil 1,6).

---

<sup>38</sup> *Vita Consecrata*, n.º 86.

<sup>39</sup> Papa Francisco, *a Força da Vocação*, p. 84.